

APONTAMENTOS DE INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Germano Seara Filho¹

RESUMO - A dominação irracional do homem sobre a natureza e a exploração gananciosa dos recursos naturais estão colocando em risco a sobrevivência da humanidade. Uma nova consciência ecológica e uma nova postura ética do ser humano perante a natureza tornam-se necessárias. Assim, a educação ambiental surge, não como uma nova disciplina, mas como um conjunto de atos educativos que procura inserir a variável ambiental em todas as disciplinas do currículo escolar. A inserção desta variável no sistema educativo acarreta certas dificuldades. Uma proposta metodológica é oferecida.

ABSTRACT - The nature's irrational human domination and the lucrative exploitation of natural resources are leading humanity's survival to a risk. A new ecological consciousness and a new ethical attitude of the human being in the presence of nature becomes necessary. Thus, environmental education rises up, not as a new discipline, but as a whole set of educative acts that try to introduce the environmental variable in all disciplines of the school. The introduction of this variable in the educative system leads to some difficulties. A methodological proposal is offered.

INTRODUÇÃO: RELACIONAMENTO DO HOMEM COM A NATUREZA

A encruzilhada histórica em que se encontra o homem nesta segunda metade do século XX é, por um lado, fruto de suas conquistas no campo do saber e do poder que o conhecimento acumulado no correr dos anos lhe concedeu e, por outro lado, de uma atitude de distanciamento e dissociação da natureza, quase sempre encarada não como a casa do homem, que deve ser preservada e usada racionalmente, mas como fonte de consumo com fins lucrativos, o que vai, de modo sempre mais acelerado, transformando a terra num planeta doente, e ameaçando assustadoramente toda forma de vida.

Na verdade, nenhum século, como este, acumulou tanto saber e tanto poder. Da memória do homem passou-se à memória das máquinas, potente e ágil, capaz de armazenar quase que ilimitadamente e de reativar, em frações de segundo, todo e qualquer tipo de informação. A ciência, que se fazia sobretudo por dedução e através da tentativa e do erro, hoje é induzida e programada. Toda a sabedoria dos séculos anteriores foi profundamente revolucionada à luz dos novos dados que instrumentos sofisticados, fruto também eles do engenho humano, permitiram elaborar. Até parece que o antigo sonho de o homem dominar o universo se torna realidade! Singrando os espaços, ele não partiu para a conquista de novos mundos? Não somente foi à lua: aportar em algum outro planeta deve ser questão de tempo.

Ao lado, porém, dessa grandeza que o iguala aos deuses, a inquietação provocada pelo enriquecimento de poucos e pela fome de muitos, pelas grandes concentrações urbanas prenhes de problemas, pelo esgotamento paulatino dos recursos naturais, pelo uso de agrotóxicos nos campos e de material que causa poluição generalizada nos centros industriais, sintomas de uma enfermidade que pode ser fatal, permeia de sombras o futuro do homem. E ele mesmo não se pode eximir dessa culpa.

ANTROPOCENTRISMO

É incontestável que entre os seres da natureza o homem ocupe o lugar de preeminência. A ele foi consignado o poder de administrá-la e dar-lhe significado, pois, sem a sua inteligência, o mundo careceria de sentido. Nem por isso a concepção dominadora - que finca suas raízes na antiguidade judaica e o define como "rei da criação" e "senhor do universo" - parece hoje invulnerável à crítica.

Esse tipo de antropocentrismo, necessário talvez para desmistificar as forças misteriosas da natureza que, desconhecidas suas leis, amedrontavam a humanidade nos seus primórdios, levou o homem a um tipo de comportamento predatório, consumista e irracional, que não somente coloca em risco sua "casa" e tudo o que ela contém, mas também a sua própria sobrevivência.

Certamente, na escala dos seres que compõem o chamado reino animal, o homem não é o único predador. É, contudo, o único capaz de, com suas ações, romper o equilíbrio dinâmico produzido espontaneamente pela interdependência das forças da natureza. Mudando o curso dos rios, represando as águas, desmatando e desertificando inteiras regiões de terra, modificando a textura do solo, na azáfama constante de encontrar matérias-primas e produzir rapidamente, despejando na atmosfera, como também nos solos e nas águas, quantidades volumosas de elementos poluentes e ocupando desorganicamente o espaço, ele intervém de modo negativo no seio da natureza. Ele pode modificar os mecanismos reguladores que, em condições normais, mantêm ou renovam os recursos e a vida no planeta.

Os defensores do crescimento ilimitado objetam que o conceito de recurso não deve ser visto de modo estático, nem as transformações dos recursos, através da indústria, como únicos responsáveis pelos desequilíbrios ambientais. Estes começaram antes da industrialização e o desenvolvimento científico e tecnológico seria capaz de descobrir e explorar novos recursos.

¹ Psicólogo, Teólogo e Filósofo, Doutor em Psicologia, da CETESB.

Obviamente, tal modo de agir é fruto de uma visão que encara a mãe-Terra como fonte gratuita de matérias-primas, subsequentemente inesgotáveis, e o homem como mero fator de produção. Acontece que nem a natureza é infinita - temos uma terra somente -, nem o homem nasceu apenas para produzir e consumir. Os anseios de seu espírito e a busca de significado para sua existência ultrapassam a preocupação com a posse de bens materiais.

Transformações Causadas pelo Modelo Agroindustrial Vigente

Com efeito, no seu afã de produzir rapidamente e com fins lucrativos, mais do que para sanar a fome endêmica de grandes camadas da população mundial, o homem passou da agricultura de subsistência para a agricultura de mercado, para a agroindústria. O fator produtividade tomou a dianteira numa escala que privilegia a quantidade em detrimento da qualidade. Para produzir mais, tornou-se necessário desnudar de sua camada vegetal protetora extensas regiões da Terra. Mais ainda, pareceu imprescindível o uso de fertilizantes químicos, de herbicidas e de inseticidas que empobrecem as terras e matam espécies vegetais e animais de importância capital para o equilíbrio do meio ambiente. É como se os defensores do progresso a qualquer custo nunca tivessem ouvido falar de ecossistemas.

Por sua vez, a revolução industrial e o desenvolvimento de novas tecnologias, intensificado sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, ao lado dos benefícios reais carreados para a vida humana, acentuaram a idéia de poder e de domínio sobre o mundo (o *homo sapiens* passa a ser *homo potens* e *homo faber*), deixando como subproduto a poluição indiscriminada que paira como sombra ameaçadora sobre o futuro da humanidade. Não mais subjugado às forças da natureza, o homem, depois de compreendê-las, passa a dominá-las. Obcecado, porém, pela idéia de lucro, administra mal o seu poder.

Uma das consequências palpáveis dessa má administração, tributo pago à industrialização acelerada, são as grandes concentrações urbanas. Os grandes centros produtores catalisam as aspirações de salários melhores, de instrução, de diversões e assistência no sentido mais amplo da palavra. Com isso, pequenas cidades passam a ser símbolo de atraso e o resultado são metrópoles ou megalópoles do porte de São Paulo, para ficar apenas com um exemplo, com o ar irrespirável, serviços públicos estrangulados, criminalidade crescente, mal-estar generalizado. A cidade, que deveria ser o lugar de encontro das pessoas, transformou-se em teatro de conflitos, de luta pela moradia, pelo acesso à cultura e à diversão.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O quadro descrito é desanimador e, se o pessimismo fosse aplaudido, dever-se-ia concluir que o planeta se tornou inviável. Esta não é, porém, a conclusão.

Se houver vontade política e se tomar a estrada certa, ainda será possível resgatar a relação do homem com a natureza e transformar este planeta em uma casa pacífica para todos.

Na verdade, a desarmonia entre o homem e o meio é causada pela falta de valores sociais que desencadeiem a formação de estilos de vida e o aparecimento de instituições de suporte coerentes com a evolução da vida na terra. A mudança de mentalidade necessária para que o rumo dessa evolução seja reorientado em benefício de todos será consequentemente fruto de uma nova consciência ecológica e de uma nova postura ética do homem perante a natureza e perante o próprio homem. Será necessário que ele se liberte dessa atitude de dominação sobre as criaturas e sobre os irmãos.

Para isto será necessário também que se instrua e se eduque. Que se instrua acerca de sua relação com todo o criado e acerca das consequências advindas de suas ações. E que se eduque assumindo conjuntamente e individualmente as responsabilidades pelos seus feitos, desenvolvendo os valores da amizade e da solidariedade com as coisas inertes, com as criaturas vivas e com os próprios semelhantes. Portanto, a melhoria da qualidade de vida e a preservação do planeta para as gerações futuras, que dependem de um desenvolvimento ambiental planejado e que leve em consideração o conjunto de interações entre os sistemas sociais e os ecossistemas naturais, passam por uma proposta de educação ambiental, cujo objetivo último é restabelecer a harmonia entre o homem e a natureza.

Educação Ambiental, o que é?

Primeiramente, é preciso verificar o que significa educar e, em seguida, traçar a diferença entre educação, instrução e formação. Da origem das palavras, depreende-se o seguinte: educar vem de *educere*, palavra latina que significa "conduzir para fora"; instruir vem de *instruere* que significa "construir dentro".

Daí a instrução ser um processo pelo qual alguém, depois de informado sobre alguma coisa, assimila essa informação, constrói dentro de si o conhecimento, isto é, organiza e elabora informações que antes não possuía. Já a formação supõe uma intencionalidade específica da parte do educador e do educando e significa carrear a instrução para uma atividade particular, de tal modo que, ao fim do processo formativo, alguém possa ser considerado professor, engenheiro, médico etc.

Educar, por conseguinte, não significa apenas instruir alguém sobre alguma coisa, transmitir-lhe conhecimentos específicos e capacitá-lo ou formá-lo para exercer uma atividade determinada. Educar é muito mais do que isto e significa levar alguém a exprimir todas as suas potencialidades, a assumir sua condição de sujeito no ato de conhecer, a desabrochar como pessoa livre capaz de solidarizar-se com as outras pessoas. É um processo permanente e não um produto. Mais do que ensinar a alguém o que pensar ou o que fazer, é despertar neste o como pensar e agir. É, portanto, um processo interativo em que o educador guia o educando para as fontes de informação, ajuda-o a descobrir e utilizar os instrumentos de análise - teóricos e práticos -, respeitando sua personalidade como sujeito também do ato de conhecer, de aprender, de se conduzir, desperta-lhe o interesse pela participação e pelos valores sociais, incentiva-o para a ação que leva à solução dos problemas.

Relacionada com o ato de educar está a pergunta: quem educa? Ora, a autoconsciência, a percepção que temos de nós mesmos só acontece na relação com os outros, sobretudo com os "outros significativos" (genitores, irmãos, parentes, amigos, ídolos, pessoas importantes). Sem contato com os limites impostos pelos outros não se constrói a identidade como sujeito, não exprime todas as potencialidades, isto é, não se desabrocha, não se conduz para fora toda a riqueza pessoal. Por conseguinte, o ser humano se torna pessoa na relação com todas as outras pessoas. E, embora normalmente se delegue à família e à escola a tarefa de educar, é toda a sociedade que educa.

Em segundo lugar, é preciso delinear rapidamente a visão de ambiente. Normalmente, o ambiente é concebido de modo estático, como o lugar onde as coisas acontecem, e dele se dissocia o homem. Ora, a análise global do meio ambiente não pode dissociar as interações sociais das interações naturais, pois os fenômenos aí estudados estão em interação dinâmica e permanente. Daí o conceito de meio ambiente ser muito complexo. Na verdade, ele abarca a totalidade do pla-

neta e os elementos que o compõem, físicos, químicos e biológicos, tanto naturais quanto artificiais, tanto orgânicos quanto inorgânicos, nos distintos níveis de sua evolução, até o homem e suas formas de organização na sociedade, onde a rede de inter-relações existentes entre estes elementos se encontra em estreita dependência e influência recíproca.

Dentro deste quadro, define-se educação ambiental. Segundo o Congresso de Belgrado, promovido pela UNESCO em 1972, ela é um processo que visa "formar uma população mundial consciente e preocupada com o ambiente e com os problemas que lhe dizem respeito, uma população que tenha os conhecimentos, as competências, o estado de espírito, as motivações e o sentido de participação e engajamento que lhe permitam trabalhar individualmente e coletivamente para resolver os problemas atuais e impedir que se repitam". A educação ambiental é, portanto, um processo permanente e participativo de explicitação de valores, instrução sobre problemas específicos relacionados com o gerenciamento do meio ambiente, formação de conceitos e aquisição de competências que motivem o comportamento de defesa, preservação e melhoria do ambiente. Em outras palavras, a educação ambiental deve levar o homem a viver em harmonia com a natureza, passando pela participação de todos os cidadãos na solução dos problemas ambientais, o que significa compreender o ambiente, a relação dinâmica que existe entre os ecossistemas naturais e os sistemas sociais e desemboca em preocupações tais como gerenciamento racional dos recursos naturais; destino das gerações futuras e sobrevivência da espécie humana.

Objetivos Específicos

A partir desta finalidade geral e permanecendo no contexto das conclusões de Belgrado, completadas pelas orientações da Conferência de Tbilissi, pode-se estipular como objetivos específicos da educação ambiental:

- *tomada de consciência*: ajudar os indivíduos e os grupos sociais a tomar consciência do ambiente global e dos problemas conexos;
- *conhecimentos*: ajudá-los a compreender o ambiente global, a multiplicidade de relações que existe entre os elementos que o constituem, o homem inclusive, a responsabilidade e o papel crítico reservado a ele;
- *atitudes*: levá-los a desenvolver valores sociais, sentimentos de interesse pelo ambiente e motivação forte para tomar parte na tarefa de conservá-lo e melhorá-lo;
- *competências*: desenvolver entre eles competências específicas que tornem operativos os conhecimentos e as atitudes adquiridas, através das ações concretas sobre o ambiente.

Dois coisas parecem de suma importância: a tomada de consciência dos problemas ambientais, a qual passa obrigatoriamente pela análise crítica do meio, buscando não somente corrigir com soluções curativas os danos já verificados, mas também descobrir as causas imediatas e longínquas, de modo que se possa reconstituir, analisar e desfazer a rede causal que provoca os problemas. Em segundo lugar, estão as ações concretas, que têm alto valor pedagógico.

Características da Educação Ambiental

A especificidade da educação ambiental em relação a outras formas de educação consiste no fato de que ela tem as seguintes características principais: um enfoque voltado pa-

ra a solução dos problemas; um enfoque educativo interdisciplinar; uma integração da educação com a comunidade; e uma educação permanente voltada para o futuro.

Na verdade, a educação ambiental não visa apenas à aquisição de conhecimentos sobre o ambiente, mas à mudança de comportamento, à determinação para a ação e à busca de soluções para os problemas. Como tal, entretanto, ela não se constitui numa nova matéria, mas se apóia nas várias disciplinas, num tipo de abordagem interdisciplinar. A abrangência da variável "meio ambiente" não permite que se condense o argumento numa única disciplina. Além do mais, a educação ambiental deve privilegiar como terreno de estudo o entorno imediato dos indivíduos; a fim de integrá-los na comunidade e levá-los a se comprometer com a solução dos problemas. Nem por isso o conjunto de atos educativos que permitem à criança, ao jovem ou adulto apreender, conhecer e analisar o meio ambiente deve restringir-se a seu entorno imediato. Metodologicamente, começa-se por aí. Mas é necessário que se chegue a um enfoque global e à análise das inter-relações com o ambiente não imediato com qual se está ligado. A criança da cidade, por exemplo, deve perceber que, através do leite que bebe, ela influencia o tipo de fazenda, o modo de produção e até o estilo de vida do camponês. Desse entorno não imediato passa-se para o sistema-Terra, dentro do qual estão todos interligados. Por sua vez, esse processo educativo é permanente e voltado para a solidariedade com as gerações futuras.

Educação Ambiental Formal e Não-Formal

É mister distinguir, dentro deste processo participativo, que se propõe conduzir o homem a uma nova postura ética perante a natureza - postura que preserve ou restabeleça a harmonia entre os dois, a educação ambiental formal da não-formal.

Antes de tudo, por educação formal entende-se o processo educativo institucionalizado que acontece na rede de ensino, com estrutura curricular, programas, conteúdos, métodos pedagógicos, formação de professores etc., estipulados de acordo com a filosofia educacional e a lei do país. É a educação escolar que vai do pré-primário ao superior, passando pelo 1º grau, 2º grau, supletivo etc. É neste contexto que deve ocorrer a educação ambiental formal, um modo particular de conceber a educação formal, o qual ressalta a interdisciplinaridade dos vários componentes do projeto educativo, a participação do aluno e sua determinação para a ação e solução dos problemas ambientais, e a integração com a comunidade. Isso, em um processo permanente e voltado para o futuro, em que a variável ambiental permeie todas as disciplinas e funcione como tema integrador. Mais adiante, serão elencadas as dificuldades que a inserção deste modelo educativo pode acarretar ao sistema de ensino atual e será feita uma proposta metodológica preliminar de como se proceder.

Já por educação não-formal entende-se o processo educativo, desvinculado ou não do poder oficial, mas que se realiza fora da escola e se caracteriza pela flexibilidade de métodos e conteúdos e pela diferença de público de destino, geralmente adulto. Daí ela ser chamada normalmente de educação de adultos ou educação permanente, desde que não se trate daquela educação de adultos que acontece na escola. Neste quadro, a educação ambiental não-formal é um processo educativo, institucionalizado ou de características populares, realizado fora do contexto escolar propriamente dito. E preocupado, em primeiro lugar, não com a alfabetização ou complementação dos conhecimentos gerais básicos devidos a todo ser humano, mas sim com a sua relação e comprometimento com o meio ambiente imediato e global em que vive.

INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO SISTEMA EDUCATIVO

O sistema educativo brasileiro, apesar do esforço de integração propugnado pela Lei 5.692, na prática, permanece ainda muito compartimentado, monodisciplinar, intelectualista e desvinculado da realidade. Tal modelo certamente não configura um contexto favorável para a inserção de uma dimensão da educação geral e especializada cuja abordagem precisa ser interdisciplinar, aberta para a realidade local e orientada para a solução de problemas, como é a educação ambiental.

Esta, na verdade, não somente propõe que se conheçam as causas profundas (sociais, econômicas e culturais) responsáveis pela deterioração do ambiente e que se transmitam conhecimentos gerais e específicos sobre os problemas ambientais, mas impõe também que todo conhecimento transmitido seja iniciador de ações concretas. De fato, deseja-se com ela instruir, transmitir conhecimentos específicos sobre o ambiente global e as inter-relações naturais e sociais que aí acontecem, mas sobretudo provocar atitudes de interesse imediato pela participação na tarefa de preservar e desenvolver a riqueza comum - a Terra - isto é, provocar uma mudança de comportamento do homem perante a natureza. Desenvolver, sim, uma nova consciência ecológica, mas provocar sobretudo uma nova postura ética.

Neste quadro, é bom que se diga que as Ciências Sociais precisam ser associadas à pedagogia do ambiente, a fim de elucidar o papel de certos valores, de certas escolhas econômicas e tecnológicas, de certos modos de vida de estilo parcimonioso ou consumista sobre a deterioração ou melhoria do ambiente.

Isto supõe congregação todas as matérias educativas a fim de elucidar as diferentes dimensões da problemática ambiental e não apenas as disciplinas do domínio das ciências naturais, o que, obviamente, acarreta dificuldades metodológicas, tanto institucionais quanto pedagógicas ou psicológicas.

Com efeito, a escola precisará mudar seus programas e seu modo de se relacionar com a comunidade, abrangendo além dos especialistas, os cidadãos e os alunos, para influir na elaboração dos próprios programas. Os professores precisarão mudar seu estilo de relacionamento com os alunos, abandonando a relação interativa que favorece a passividade, a saber, aquela em que o professor digere um corpo predeterminado de informações e em seguida carrega este material para o estudante, por um modelo orientado para a ação em que o instrutor não atua como fonte principal de informação, mas realiza seu papel criando ambiente de aprendizagem, assistindo ao estudante na aquisição de informações, orientando-o e participando com ele no processo de aprendizagem. Enfim, será necessário uma renovação dos conteúdos educativos, através da qual a variável ambiental possa permear todas as disciplinas escolares, e uma renovação dos métodos de ensino que favoreça o desenvolvimento de trabalhos em equipes interdisciplinares e desperte a co-responsabilidade dos educandos.

Esta renovação irá exigir, portanto, que o professor abandone a postura de mero transmissor de conhecimentos para se engajar e participar com os alunos de todo o processo de aprendizagem, mais do que na qualidade de perito, na qualidade de membro do grupo, guia e conselheiro. É fora de dúvida que tal professor terá que ser treinado antecipadamente, pois não se poderá exigir dele um desempenho para o qual não foi preparado.

Proposta Metodológica

É pelo fato de evitar toda especulação intelectual que não seja iniciadora de ações, de não se deixar enclausurar no quadro de uma única disciplina, nem querer erigir-se em nova

disciplina, que a inserção da educação ambiental na rede de ensino acarreta dificuldades de ordem institucional, pedagógica ou psicológica. Tais dificuldades não são insuperáveis. Deve-se acrescentar, além disso, que a educação ambiental oferece à escola uma grande oportunidade de renovação, uma vez que lhe proporciona a ocasião de integrar as várias disciplinas escolares num projeto educativo de conjunto, em que a variável ambiental desempenharia o papel de tema integrador ou tema de encontro.

Tendo-se em mente os transtornos iniciais que a inserção da educação ambiental pode causar aos programas escolares, propõe-se aqui um caminho metodológico de incorporação progressiva em três momentos, não necessariamente sucessivos nem exclusivos, pois será a realidade local a determinar a melhor maneira de combiná-los.

Num primeiro momento, insere-se no quadro de algumas disciplinas (aquelas que apresentam maior afinidade) um certo número de temas relacionados com o ambiente. Esta maneira de proceder, já em prática em algumas escolas, não causa dano aos programas escolares. Tem, porém, a desvantagem de não tratar os temas ambientais em sua globalidade, além de não levar em conta os problemas ambientais imediatos vivenciados pelos alunos.

Num segundo momento, inserem-se nos programas das várias disciplinas todas as noções relacionadas com o conhecimento e gerenciamento do ambiente. As vantagens aqui são múltiplas, pois que, além de se trabalhar todo o quadro conceitual relacionado com o meio ambiente, esta atividade oferece às disciplinas uma espécie de denominador comum que as aproxima.

Num terceiro momento, criam-se unidades integradoras ou módulos educativos pluridisciplinares, no seio dos quais as disciplinas que apresentam maior afinidade conceitual e metodológica podem co-habitar. Tais módulos aproximam e integram as várias disciplinas. Deve-se estar atento, contudo, para que esta atividade não se marginalize nem seja praticada em justaposição com as outras disciplinas, transformando-se ela mesma, a longo prazo, numa nova disciplina.

CONCLUSÃO

A educação ambiental, cuja origem pode ser colocada nos Anos 60, nasceu da tomada de consciência de que a revolução industrial e o desenvolvimento tecnológico, ao lado dos benefícios carreados para a humanidade, provocaram uma série de consequências desastrosas, tais como exodo rural, urbanização, degradação do solo, das águas, do ar, esgotamento de recursos naturais etc. Face a todos esses problemas, tornou-se necessário e urgente sensibilizar a massa dos indivíduos para responsabilizar cada cidadão.

Em vários encontros internacionais - como os promovidos pela UNESCO, em Estocolmo (1972), Belgrado (1975) e Tbilissi (1977) - chamou-se a atenção da população mundial para adotar atitudes educativas, a fim de se preservar e melhorar o ambiente.

Paulatinamente, essa forma de educação vai penetrando nos sistemas de educação das nações, tanto a nível formal quanto a nível não-formal. E torna-se sempre mais aguda a consciência de que o gerenciamento dos recursos naturais e a salvaguarda da qualidade de vida dependem das estruturas econômicas e das instituições que se tiver. O desenvolvimento e a explicitação de valores sociais, a mudança de atitudes e de comportamento, por sua vez, passam através da educação.

Certamente, o equilíbrio do meio ambiente total não deve levar à inatividade e ao conservadorismo. Nem o desequilíbrio, ao fatalismo e à resignação. O desenvolvimento é necessário. Mas que tipo de desenvolvimento econômico e social?

Espera-se que através dessa forma abrangente de educação, a educação ambiental, cada cidadão - da criança ao jovem e ao adulto - adquira uma visão mais objetiva do funcionamento da sociedade a que pertence e da sociedade humana em geral, torne-se motivado para a vida coletiva e para a assunção de responsabilidades, e tome consciência de que o futuro da humanidade e a qualidade de vida das gerações futuras dependem em grande parte das escolhas que fizerem em sua própria vida. Nisto, o papel dos educadores - professores, família e a sociedade em geral - é de capital importância.

Um provérbio atribuído ao "Amish People" americano pode servir como conclusão: "Não herdamos a Terra dos nossos avós, mas a tomamos emprestada dos nossos filhos".

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Ronaldo. Poluição, a Doença da Terra. Petrópolis, Ed. Vozes, 1977.
- CUISIN, Michel. Qu'est-ce-que l'Ecologie? Paris, Bordas, 1971.
- DAJOZ, Roger. Ecologia Geral. São Paulo, Ed. Vozes e USP, 1973.
- FERRI, Mário Guimarães. Ecologia e Poluição. São Paulo, Ed. Universal, 1976.
- MEADOWS, Dornella H. et alii. Limites do Crescimento. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1973.
- MINC, Carlos. Como Fazer Movimento Ecológico e Defender a Natureza e as Liberdades. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.
- MINISTÉRIO DO INTERIOR. Educação Ambiental. Brasília, 1977.
- MOSER, Antonio. O Problema Ecológico e suas Implicações Éticas. Petrópolis, Ed. Vozes, 1983.
- SWAN, James A. Some Human Objectives for Environmental Education. In SWAN, James A. & STAPP, William B., Ed. Strategies Toward a More Livable Future. New York, John Wiley & Sons, 1974, p.25-41.
- U.E.R. DE DIDACTIQUE UNIVERSITÉ PARIS VII & GROUPE E.D.E.N. Compte-Rendu - Journées sur l'Education Relative a l'Environnement, 23-24/04/1982. Paris, 1982.
- UNESCO. Conferencia Intergubernamental sobre Educación Ambiental, 14-26/10/1977. Tbilissi URSS, 1977. Informe Final.
- VIEZZER, Moema. Educação Ambiental e Participação Comunitária. São Paulo, CETESB, 1984 Manuscrito não publicado.